

VISÃO DO CORREIO

Boas notícias na economia

A economia brasileira, ainda que caminhando lentamente, começa a dar boas notícias. Nada que justifique um sentimento de euforia, mas, depois de um longo período de desempenho medíocre, analistas começam a ver um quadro mais favorável tanto para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) quanto para a inflação. Pesquisa realizada semanalmente pelo Banco Central, por intermédio do boletim Focus, aponta que a estimativa média de avanço para a atividade neste ano saltou de 2,26% para 2,39% e, para o próximo, de 0,47% para 0,50%. Ao mesmo tempo, as projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) baixaram de 6,61% para 6,40%, em 2022, e de 5,27% para 5,17%, em 2023.

Os números, se não são motivo de celebração, deixaram governo e seus economistas mais tranquilos. Afinal, o Brasil está há anos sem crescimento econômico — a média de variação do PIB foi de apenas 0,3% na última década — e, mais recentemente, voltou a conviver com a praga inflacionária, cujos índices se mantiveram acima de 10% por um bom período. A pergunta que todos se fazem é se esse cenário menos ruim decorre de fatores temporários, provocados pela intervenção governamental, que injetou bilhões no mercado, especialmente por meio do Auxílio Brasil de R\$ 600, e pelo corte dos impostos sobre combustíveis, ou é sustentado.

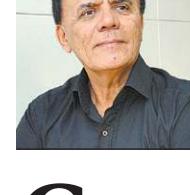
As dúvidas são tantas que o próprio Banco Central tem reforçado, em documento e por meio de discursos de seus diretores, que é preciso cautela. Qualquer descuido com a política monetária pode não só minar a confiança que leva ao crescimento econômico maior, como recrudescer a inflação. Essa postura cautelosa do BC faz com que a aposta majoritária seja pela manutenção dos juros em 13,75% ao ano na reunião da próxima semana do Comitê de Política Monetária (Copom), mas há a menor possibilidade de a taxa Selic ainda dar um novo pulo, para 14% anuais.

A retomada de um crescimento maior da economia, com a inflação sob controle, é fundamental para o país. Com tanta desigualdade social e a volta da fome — 33 milhões de brasileiros estão na miséria —, somente o avanço da produção e do consumo permitirá que a geração de empregos em volume suficiente para reduzir o fosso que separa ricos e pobres. Em momentos de crise, programas sociais são vitais para amenizar as mazelas que atingem em cheio os mais vulneráveis. Contudo, a agregação de pessoas ao mercado de consumo só se dá pelo avanço consistente da atividade econômica. Isso foi visto com clareza nos anos de 2000.

A reação da economia está se dando mesmo com o ambiente político tensionado pelas eleições extremamente polarizadas. Tal comportamento endossa a visão de que o Brasil tem potencial e pode se tornar um gigante desde que a calmaria, a credibilidade e a previsibilidade passem a ser regra. Infelizmente, nos anos recentes, o país enveredou por um caminho de conflitos e de turbulências. Cresce, portanto, a responsabilidade não só do atual governo, mas de todos os candidatos à Presidência da República para que a normalidade volte ao radar e um ciclo de investimentos de longo prazo consolide uma base de conquistas por parte, principalmente, da população mais pobre.

Não se pode esquecer que o Brasil já ocupou a sexta posição entre as maiores economias do mundo. Agora, é a 13ª, refletindo todos os retrocessos vividos nos últimos tempos, combinando recessão e inflação. Independentemente da posição política que se compartilhe, todos devem se unir em torno de um projeto de país que contemple o fim da miséria, a geração de empregos e renda, a inflação nas metas perseguidas pelo Banco Central. O Brasil, reforce-se, tem jeito. E a sociedade deve cobrar daqueles que estão ou que pleiteiam o poder o compromisso de uma vida melhor. Os brasileiros merecem.

IRLAM ROCHA LIMA
 irlam.rochabsb@gmail.com



IRLAM ROCHA LIMA
 irlam.rochabsb@gmail.com

Contra o fascismo

O talento de Ivan Lins pode ser observado desde o início da carreira, no começo da década de 1970. O engajamento social do jovem cantor e compositor carioca também era perceptível, naquela época, como membro do Movimento Artístico Universitário (Mau) que se contrapunha à ditadura militar.

Autor de canções melódicas e harmonicamente bem construídas, Ivan foi gravado pelas divas do jazz norte-americano Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Carmem McRae e Diana Krall e, claro, por nossa Elis Regina.

Várias dessas músicas trazem letras de temática contestadora. Em *Aos nossos filhos*, registrada no álbum *Nos dias de hoje*, de 1978, num dos versos ele diz: "Perdoem a falta de abrigo/ Perdoem a falta de amigos/ Os dias eram assim...".

Não por acaso, a frase "os dias eram assim" se tornou título da maxi-série

protagonizada por Renato Góes, Gabriel Leone e Sophie Charlotte, que a TV Globo exibiu entre 17 de abril e 19 de setembro de 2017, tendo como tema de abertura *Nos dias de hoje*. Uma das questões tratadas foi a violência e a repressão perpetradas por policiais nos anos de chumbo — entre as décadas de 1960 e 1970 — contra os opositores do regime.

Ao se apresentar no palco Sunset, no Rock in Rio, sexta-feira última, ao lado do rapper Xamá, Ivan Lins mostrou que mantém acesa a chama de ativista político. Na interpretação do clássico *Começar de novo* (composta em 1979), antenado ao momento que o país vive, ele alterou a letra fazendo uma crítica contundente ao fascismo. Num dos trechos cantou: "Sem o teu fantasma/ Sem tua moldura/ Sem o teu domínio/ Sem tuas escorás/ Sem o teu fascismo/ Sem tuas escórias...".

Um recado bem dado.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Rainha Elizabeth

Reinados são anacrônicos, mas Elizabeth II é quase uma unanimidade: a rainha da qual não queríamos nos despedir. Tirando o ciúme e desavenças com a Princesa do Povo, Lady Di, Lilibeth sempre foi e será respeitada e amada. Fiquei triste e chocada com sua morte, mais do que natural. Elegante e discreta como manda o protocolo, não ficou agonizando. Recebeu e empossou a nova primeira-ministra da Inglaterra, Liz Truss, em seu derradeiro ato de soberana e, discretamente, como viveu, morreu. Chique até o último momento. Palmas para Elizabeth II, palmas para a Rainha! Cerrem as cortinas!

» Jane Araújo,
 Noroeste

» Antigamente, quando se queria brincar com alguma figura feminina que se gabasse de ostentar uma importância ou um título inexistente, se dizia que se tratava da "Rainha da Inglaterra". Pois todos sabemos que a Inglaterra sedia, apenas, na cidade de Londres, a capital do país chamado de "Reino Unido" — este sim, liderado por uma "Rainha" — que compreende, além dela, mais 3 nações: a Escócia, a Irlanda do Norte e o País de Gales.

» Lauro A. C. Pinheiro,
 Asa Sul

» Justa a homenagem do CB (Especial, 9/9). Filha de George VI e mãe de Charles III, Vossa Alteza, Rainha Elizabeth II reinou elegantemente, com sua simpática, abreviada pelo seu caráter reservado. Monarca durante mais de 70 anos, visitou o Brasil apenas uma vez, em 1968, quando ainda nem era nascido, nesta Vida. Assim como tantos cidadãos internacionais, fiquei ressentido e me saltaram os olhos algumas lágrimas com sua morte, ocorrida recentemente, apesar dos 96 bem vividos anos a frente do Reino Unido e das 14 Nações participantes da Comunidade Econômica Europeia (Commonwealth). Em meados da década de 90, quando ainda we muito jovem, em permanência na Inglaterra, na qualidade de estudante intercambista, tive a incrível oportunidade de avistá-la acenando para a multidão em frente ao Palácio de Buckingham, em Londres, algo raro e, portanto, ao mesmo tempo significativo e simbólico.

Na ocasião, pude sentir que, apesar de sua baixa estatura, tinha um grande coração. Talvez tenha sido, alguns séculos atrás, um Mosqueteiro Real. D'Artagnan? Enfim, que Deus salve sua alma e ilumine o reinado do sucessor!

» Nélio S. Machado,
 Asa Norte

Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Efeitos da inflação de 70% ao ano na Argentina: explosão de consumo e pobreza ao mesmo tempo. Tempos difíceis.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Ontem, quem lembrou, possivelmente, celebrou a data de nascimento do exemplar presidente Juscelino Kubitschek, nascido há 120 anos.

Elza Lopes — Águas Claras

A rainha não gostaria de ter a presença de Bolsonaro, nem morta.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

13 de setembro: Dia em que a cachaça conseguiu sua alforria para alcançar hoje o status de ser um produto genuinamente brasileiro!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

livre debate de ideias que a vigoraria. Nossos partidos, com raras exceções, são marcas de fantasia e aglomerados de interesses obscuros. As bancadas daí geradas são as do cimento, do banco, da balá, do boi, da Bíblia (fundamentalista), do clientelismo. Identificado o sequestro da política, é premente libertá-la: um dos passos importantes é uma reforma política radical, que envolva o conjunto da cidadania. Promover mudanças tópicas a partir do Congresso a ser eleito em outubro, será mais do mesmo e terá, subjacente, a busca da sobrevivência dos de sempre. Insistimos nos valores republicanos, afirmando que só a cidadania, mobilizada e consciente, é capaz de resgatar a política na direção do que a justifica: a prevalência do interesse público. E constituímos representações que não acolham manobras espúrias, tão antigas quanto abomináveis.

» Renato Mendes Prestes,
 Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
 Diretor Presidente

Ana Dubeux

Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques

Diretor de Comercialização e Marketing

Plácido Fernandes Vieira

Editor executivo

CORPORATIVO

Josemar Gimenez

Vice-presidente de Negócios Corporativos

"Na quarta parte nova os campos ara

E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO

Vice-Presidente executivo

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés

Diretor Financeiro

ANJ

ANJ